

(RE)ENCONTROS ENTRE CORPOS URBANOS

Um relato de experiências didáticas errantes

Juliana Michaello Macêdo Dias¹

Resumo

O artigo apresenta experimentações conduzidas com estudantes de arquitetura, urbanismo e design, nas quais as práticas errantes e seus desdobramentos são postos em evidência. Partimos de uma discussão sobre a necessidade de reencarnar os corpos dos futuros arquitetos e desdobramos a reflexão em errâncias e proposições nos espaços da cidade em que o estabelecimento de relação com seus praticantes ordinários se coloca como condicionante.

Palavras-chave: errâncias, corpos urbanos, experimentos didáticos, intervenções artísticas urbanas

URBAN BODIES ENCOUNTERS

A report on wandering didactic experiences

Abstract

The article presents experiments conducted with students of architecture, urbanism and design, in which errant practices and their consequences are highlighted. We discuss the need to reincarnate the bodies of future architects through wanderings and propositions in the city spaces in which the establishment of relationship with its ordinary practitioners is a condition.

Keywords: wanderings, urban bodies, didactic experiments, artistic urban interventions

¹ Doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa Nordes-tanças (CNPq).

Introdução

A partir da década de 2000, através dos estudos de Jacques (2001) ao se debruçar sobre a relação entre Hélio Oiticica e a favela da Mangueira, que resultou no livro *Estética da Ginga*, os estudos acerca do embate entre corpo e cidade passam a se sedimentar nas práticas didáticas e de pesquisa nas faculdades de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. A influência dos Situacionistas nestas reflexões ganha fôlego com a antologia da autora, *Apologia da Deriva* (JACQUES, 2003), que compila escritos do grupo liderado por Guy Debord traduzidos para o português. A publicação será fundamental para a incorporação das práticas da deriva em disciplinas e experimentações acadêmicas (mas não apenas) no campo da Arquitetura e do Urbanismo. Não proponho aqui proceder um alinhavo histórico das práticas das errâncias urbanas, como proposto por JACQUES (2004) ou CARERI (2013). Me interessa discutir algumas das diferentes implicações do *errar* naquilo que elas permitem *fazer ver* a cidade.

Este artigo busca ampliar o debate acerca dessas questões através do relato de experiências vividas no âmbito de disciplinas dos cursos de Design e de Arquitetura e Urbanismo – Linguagem e Expressão Espacial, no caso do primeiro, e Estudo da Forma e Oficina de Plástica, no caso do segundo. Evidência de um modo de perceber a arquitetura e o urbanismo ainda marcado pelas premissas modernistas, o próprio nome da disciplina no curso de Arquitetura – Oficina de Plástica – nos impõe um exercício desconstrutivo. Tradicionalmente estruturado a partir de uma percepção já posta em cheque pelo pós-modernismo – a do objeto arquitetônico autônomo e cuja forma seria percebida de modo coeso e completo –, a referência à plástica leva os estudantes a uma percepção de modelagem formal desconectada de um enfrentamento mais sensorial do objeto arquitetônico.

Nos parece que, como descreve Pallasmaa (2017), “nosso conceito de arquitetura está fundamentado na ideia de objeto arquitetônico perfeitamente articulado, de artefato artístico desprovido de vida” (PALLASMAA, 2017, p. 15). É num enfrentamento a essa apatia do objeto arquitetônico, que geraria uma cidade autista, que tentamos recorrentemente produzir (re)encontros entre os corpos urbanos.

A (re)ativação do corpo

Como primeira questão da discussão, se impõe à reflexão sobre as errâncias a percepção do próprio corpo enquanto: (a) um espaço com características próprias, tanto de ordem dimensional/física, quanto no embate desse espaço com outros; (b) mediador entre espaços – um espaço-membrana entre um dentro e um fora - que percebe o mesmo de modo mais ou menos permeável; (c) um “dispositivo” que percorre, altera, interfere e modela espaços, ao tempo em que é interferido por ele. Essa simplificação esquemática nos permite refletir sobre alguns desdobramentos.

A questão material do corpo enquanto uma descrição aparentemente objetiva é, em si, um dos pontos a partir dos quais a lógica modernista se vê interpelada pelos rastros pós-modernos. O corpo, ainda que tenha uma extensão, um peso, uma cor, é sempre também um corpo que se constitui socialmente. Baseadas nas marcações de diferenças que esses traços nos corpos produzem, se constroem importantes territorializações. Essas constituições de diferenças revestidas na pós-modernidade em questões de ordem identitária são características que estabelecem modos de ver, proibições, conflitos. Há também uma interferência marcada pela subjetividade que cria certo *jeito de corpo*: amplitudes, ritmos, gestos.

Com o tempo percebi que uma certa configuração de meu próprio corpo – baixa estatura, olhos teimosamente míopes a despeito de todos os óculos, um certo medo fundamental o incitava-me a privilegiar as coisas que estão embaixo. Tenho o costume de olhar olhando para o chão. [...] Julguei então por bem transformar essa genérica timidez diante das coisas, essa vontade de fugir ou de permanecer numa perpétua atenção flutuante, em observação de tudo que está embaixo: as primeiras coisas a serem vistas, as coisas que temos debaixo do nariz, as coisas chãs (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 28).

Esse mesmo corpo é também uma membrana, borda, margem. Enquanto se deixa atravessar pelos aspectos sensoriais, é através desses mesmos apelos que percebe a relação com o “ao redor”. Bachelard, Hall e Tuan são alguns dos autores clássicos que discutiram o espaço tomando o universo sensorial por referência. Mais contemporaneamente e a partir de um olhar arquitetônico, Pallasmaa tem se debruçado sobre os sentidos, suas correlações e no quanto a percepção da arquitetura se constitui com eles. “O corpo lembra, mesmo quando não somos capazes de acessar outras marcas sensoriais” (PALLASMAA, 2017, p. 23), diz o arquiteto. Essa memória que extrapola e articula os sentidos está ancorada numa noção de espaço vivido a partir da qual seríamos incentivados a pensar a experiência do espaço através dos atos que praticamos e dos embates entre nossos corpos e os espaços nos quais estamos imersos.

Num embate atual sobre as implicações do virtual na relação com os corpos chega-se à noção de hiper-realidade e do corpo pós-orgânico, em cujas percepções sensoriais se incluem as marcas desse “real rasurado” tecnologicamente. Dentro desse debate o ano de 2016 foi emblemático, por haver incorporado aos espaços urbanos a vivência de jovens a mirar os espaços através da tela de seus *smartphones*, a caçar *Pokémóns* – experiência que foi debatida exaustivamente com as turmas do ano em questão, nos colocando a questão de se seria possível tratar o jogo como mediador de fato com a experiência urbana.

Enquanto dispositivo, o corpo poderia ser aqui pensado na dimensão de uma “corpografia”, conceito proposto por JACQUES (2008) para tratar da coimplicação entre os corpos dos praticantes das cidades e dos espaços urbanos. “O estudo corpográfico pode ser interessante para se compreender as pré-existências corporais resultantes da experiência do espaço, para se apreender as pré-existências espaciais registradas no próprio corpo através das experiências urbanas” (JACQUES, 2008)

Evidenciar o corpo no debate sobre o caminhar parece fundamental enquanto ferramenta discursiva e metodológica porque é ele, nas três dimensões elencadas, que encontra cidades e com elas estabelece relações. Por outro lado, nas experiências didáticas aqui relatadas, é o momento de pensar o próprio corpo aquele em que o esforço se mostra mais difícil para os estudantes. O exercício de produzir um diário de corpo – do *seu próprio* corpo – atento aos gestos, ritmos, à forma como os espaços o modificam, às suas interações, é o primeiro esforço que propomos. Demora-se algumas semanas nesse estado de auto atenção. Há incômodo.

A discussão geralmente caminha para uma mescla entre uma narrativa do cotidiano e uma análise da própria subjetividade condensada na noção de personalidade. Rompe-se com essa estrutura, em que os estudantes tendem a buscar relações causais imediatas entre gesto e emoção, ao propor um jogo de observação distinto do primeiro, ainda que de certa forma complementar. Em duplas, os estudantes passam a “*stalkear*” um colega por uma semana: atentar para os gestos, ritmos, etc

e trazer à tona o que esse olhar externo observou.

O cruzamento entre essas duas percepções faz ver novas camadas impressas nos corpos e a partir dessa troca os alunos produzem o que chamamos de *objetos corpográficos*: tentativas de traduzir a percepção construída até então para um objeto-dispositivo que tomará o corpo de um colega como suporte e que deve incorporar o movimento como premissa. Essa etapa foca, assim, numa reativação da experiência corpórea e suas implicações na experiência espacial.



Imagens 1 a 4 - Objetos corpográficos produzidos na disciplina Linguagem e Expressão Espacial. Aproximados aos parâmetros de Oitica, os objetos propostos se entrelaçam aos corpos e só têm sua materialidade substanciada através dos movimentos dos mesmos. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2018.

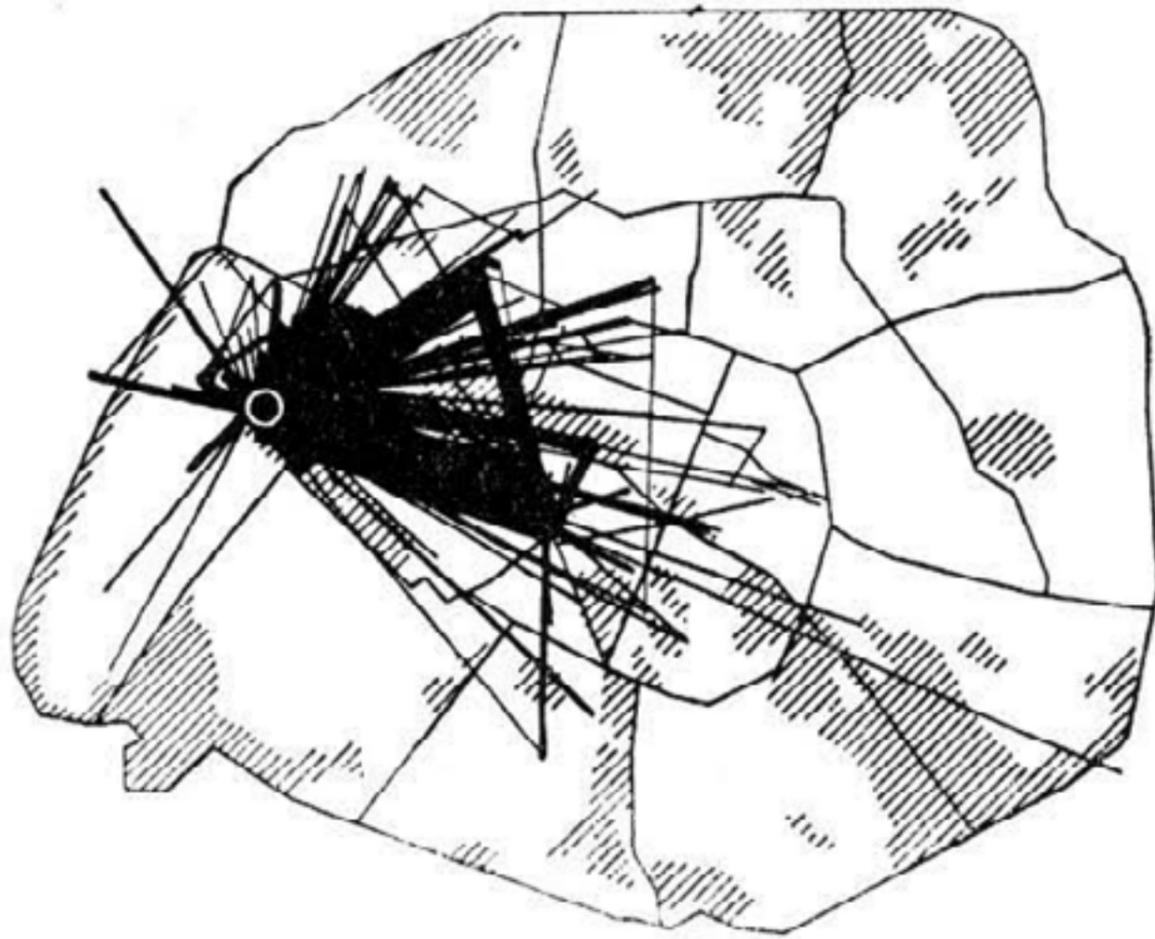
A cidade não mora mais em mim

Percebi que, nas faculdades de arquitetura, os estudantes – ou seja, a futura classe dirigente – sabem tudo de teoria urbana e de filósofos franceses, acham-se especialistas em cidade e em espaço público, mas, na verdade, nunca tiveram a experiência de jogar bola na rua, de encontrar-se com os amigos na praça, de fazer amor em um parque, de entrar ilegalmente numa ruína industrial, de atravessar uma favela, de parar para pedir uma informação a um transeunte. Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar? (CARERI, 2013, p. 242).

Ainda que desejasse, não posso discordar do relato de Careri ao tratar dos estudantes que iniciam os cursos em que leciono. Através de processos diversos que se estruturam em nossas cidades, é cada vez mais frequente que a experiência urbana acumulada pelos alunos dos primeiros períodos seja alarmantemente restrita.

Quando os situacionistas destacaram a limitação experiencial da vivência urbana dos estudantes parisienses através do mapa publicado por Chombart de Lauwe em *Paris et l'agglomération parisienne*, que evidencia os trajetos de uma estudante por um ano e que resulta espantosamente num triângulo entre sua casa, a universidade e a casa de seu professor de música, estabeleceram uma síntese que permanece em certa medida atual.

Após discutir a percepção corporal e incentivar um olhar interessado nos espaços urbanos, ainda nos deparamos com certa desconexão com os mesmos, muitas vezes apresentados como variações do triângulo do mapa. Mesmo o trajeto até a Universidade, pelo qual iniciamos nossa discussão, é seletivamente nulo, tanto para os estudantes que usam transporte individual quanto o coletivo. Nessas situações o argumento da “cidade perigosa” ganha fôlego e notamos uma certa naturalização do afastamento, uma vez que a cidade não parece um lugar sequer de possibilidade de estar.



Como parte de uma preparação para romper esse distanciamento estabelecemos com os alunos um momento imaginativo e conjectural em que primeiro debatemos e selecionamos lugares na cidade com os quais eles gostariam de estabelecer contato. Num segundo momento, eles controem um exercício de síntese das expectativas para com esses lugares. Nesse momento, a depender dos espaços da cidade a serem percorridos surgem preocupações que reafirmam a noção da cidade enquanto território hostil. É comum que dentro desses relatos surjam elementos como medo, incômodo e ansiedade.

Sentimos, assim, a necessidade de (re)aproximação dos estudantes com a cidade, que tem início com errâncias cuja primeira finalidade é, ainda, (re)conectar os corpos dos futuros arquitetos, urbanistas e designers com os corpos multifacetados da cidade. Partimos de uma compreensão “do potencial da deriva artística, enfim, de funcionar como ferramenta para a posse de um território em reconhecimento” (VISCANTI, 2014, p. 17). O território em reconhecimento é um território em processo – a se constituir no encontro, a ser cartografado *nos* e *pelos* corpos.

Essas primeiras errâncias são experienciadas de modos distintos, nos quais cada estudante, retomando a reflexão sobre o seu próprio corpo e seus modos perceptivos, propõe para si um “deslocamento”. Há quem vende os olhos, exercício imediato de perda do controle determinado pela centralidade do visual. Há quem crie para si uma “persona”, teatralização que muitas vezes facilita a incorporação de novas modalidades gestuais. Não há nesse primeiro momento um condicionante à

experiência além do se deslocar: de si e na cidade. Para muitos essa é a primeira vez em que se dedicam a caminhar a cidade. Perdem-se conscientemente. Erram. Alguns, já aí, percebem a importância de estabelecer contato com os *outros* do lugar (o que será retomado depois por todos).

Uma vez finda a jornada, os relatos se organizam em diários de bordo, que narram as percepções em suportes variados e se apresentam enquanto espécies de “mapas psicogeográficos” do encontro com a cidade. O diário é trazido aqui como espaço narrativo em primeira pessoa que relata reflexivamente a experiência. Num segundo momento, como parte da reflexão sobre os espaços da Universidade



Imagens 6 a 8 - Diário de Bordo desenvolvido por aluno, com ênfase na ideia de irreversibilidade. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2016

e da cidade, mas compreendendo que ambos se complementam, exercitamos como provocação e síntese reflexiva uma intervenção coletiva no espaço da FAU-UFAL através da qual certas percepções, ambiências e afetos cartografados pelos alunos se agrupam. As instalações, penetráveis e interativas, criadas pelos estudantes são transposições/traduições das afetações que os espaços urbanos provocaram, agora com ênfase nas trocas coletivas.



Imagens 9 e 10 - Instalações produzidas por estudantes na FAU-UFAL. Essas instalações funcionam como expressão reflexiva e permitem explorar as transposições entre experiências vividas na cidade e propostas espaciais-relacionais. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2017-2019



Estabelecer contato

Nos dois momentos narrados até aqui há um certo centramento involuntário das experiências. Ainda que fragmentado, contraditório e em construção, há uma ênfase num *eu* que percebe a si e à cidade. Numa perspectiva em que cada vez mais nos vemos *descarnados e conectadamente desconexos*, sem dúvidas esses momentos de acentuação do eu, um eu com corpo, que percebe e narra experiências em primeira pessoa é fundamental, inclusive como alargamento acadêmico das possibilidades do saber científico.

No entanto, sentimos ao longo do acúmulo dessas experiências, que havia a necessidade de um descentramento também desse sujeito (agora encarnado – um *cogito* que sente). Caminhamos assim para a necessidade de reintroduzir a *relação* como um dos pontos desejados nesse caminhar cidades.

O desconforto com a finalização sem que esta etapa fosse introduzida relaciona-se à necessidade de compreender o espaço da cidade como lugar praticado por uma miríade de gentes. As cidades se mostram diferentes para diferentes grupos sociais e mais que um exercício imaginativo, compreendemos que o ato da escuta é também fundamental na cartografia dos lugares urbanos. Tal escuta ultrapassa a romântica noção do “dar a voz”, em certa medida fortemente autoritário. Trata-se de estabelecer relação e ouvir.

Nessa etapa as compreensões que nos chegam através das experiências da antropologia urbana de Gilberto Velho nos parecem profícuas, especialmente quando nos coloca em embate com a observação aproximada na nossa própria cidade. O autor nos lembra que “falar a mesma língua não só não exclui que existam grandes diferenças no vocabulário mas que significados e interpretações diferentes podem ser dados a palavras, categorias ou expressões aparentemente idênticas” (VELHO, 2013, p. 71). Dessa forma, a experiência dos lugares urbanos é sempre incompleta e passível de ser reformulada, alargada, problematizada pelo encontro com os muitos outros urbanos.

A construção de pontes com pessoas que atravessam a trajetória desse caminhar errante torna-se então uma questão posta e o exercício de encontrar brechas que

permitam seu cruzamento uma tarefa para os errantes aprendizes. Nessa etapa a aproximação se dá através de grupos e pode implicar em intervenções espaciais que tenham por premissa a interação das pessoas com os espaços. Propõe-se aí o demorar, o parar. A ativação agora se dá no choque com a pele do outro e nos afetos que daí decorrem.

O ponto é, com efeito, como projetar uma direção, mas com uma ampla disponibilidade à indeterminação e à escuta dos projetos dos outros. [...] O que se disse tem muito a ver com processos criativos *relacionais* ou *participativos*. Por serem duas palavras usadas em demasia pelo mundo da arte e da arquitetura, falemos de processos criativos que só podem realizar-se através de um intercâmbio com o Outro. (CARERI, 2013, p. 243).



Imagens 13 e 14 - Intervenções produzidas por alunos na cidade de Maceió. Fonte: Juliana Michaello M. Dias, 2016 e 2019.

Considerações finais

Iniciamos este artigo tratando dos momentos em que o debate acadêmico dentro das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo brasileiras começa a abraçar de maneira mais sedimentada a deriva situacionista, inclusive enquanto ferramenta metodológica. No campo ampliado das artes as errâncias se fizeram presentes desde pelo menos os primeiros impulsos de urbanização moderna.

Como exercício urbanístico a contrapelo, resistência urbana encarnada e lúdica, o caminhar a esmo se coloca como uma espécie de antítese ao amortecimento e à espetacularização urbana, como propõe Jacques, mas também como prática de reencontro com o próprio corpo, a experiência da narrativa, a cartografia pisada e os muitos outros da cidade.

A medida da cidade é esta: você pode ouvir a risada das crianças, o bater das asas dos pombos e o grito do vendedor ambulante na cidade de sua memória? Você consegue recordar o eco dos seus passos? Na cidade de sua mente, você seria capaz de se apaixonar? (PALLASMAA, 2017, p. 55).

É por entender a necessidade dessa cidade experiencial como parte do processo de construção de um olhar essencial ao arquiteto, urbanista e designer que seguimos alimentando e refletindo sobre essas experimentações didáticas ao longo dos últimos 15 anos. Compreendo que o processo de feitura cotidiana das cidades é complexo, se estrutura em relações de poder assimétricas e não se fecha nunca. No entanto, entendo também que retomar a discussão acerca do caminhar a cidade com um corpo ativo e sensível é um caminho para potencializar olhares e encontros entre corpos urbanos.

Referências bibliográficas

CARERI, Francesco. *Transurbância + Walkscapes: ten years later*. Redobra, 2013: 235-247.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias Urbanas*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 053.04, Vitruvius, fev. 2008. Acessado em 25 mai. 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 053.04, Vitruvius, out. 2004. Acessado em 13 de mar. 2006. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>.

PALLASMAA, J. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.